A Feirinha do Largo da Ordem como espaço comercial e lúdico em Curitiba

Virgilia Maria Serra* **& Alan José Mega****

Quem vem a Curitiba e tem um fim de semana no meio da visita, ou quem mora na cidade ou na região metropolitana, e quer comprar produtos artesanais da melhor qualidade, ouvir música, caminhar, admirar os casarões e curtir um domingo tranquilo, a Feirinha do Largo da Ordem é a opção correta. Ela vai das 9 às 14 horas aos domingos, no centro histórico da capital paranaense e acontece todos os domingos. Este local é verdadeiramente histórico, porque lá é onde os tropeiros traziam suas mulas para beber água em um bebedouro que ainda existe lá, datado de meados do século XVIII. As mulas já não existem—ou pelo menos não vêm a esta parte da cidade—e agora foram substituída por uma cabeça equina estilizada, que faz o bebedouro. A presença do bebedouro nos ajuda a pensar num tempo em que os tropeiros passavam por esta parte da cidade dá um certo ar romântico ao lugar. A igrejinha de São Francisco, que ainda mantém suas paredes originais e mantém as funções religiosas costumeiras, também é um edifício atrativo que nos mostra o que foi o local no passado.

Outras cidades do Paraná têm feiras de artesanatos também, mas a Feirinha do Largo da Ordem, pelo tempo de sua existência, pela permanência em um espaço privilegiado e especial dentro do setor histórico, pelo número de compradores e visitantes todos os domingos, e pela variedade de artesanatos oferecidos, se transformou em um caso especial dentro do Paraná. A Feirinha, de fato, é um evento em que podemos ver algo da diversidade artística do estado, dentro de um ambiente seguro e agradável.

Um pouco de história: A feira em si é um evento relativamente novo, porque começou em 1973, como uma simples feira de hippies, com pouca variedade de produtos. Nos anos 1970, a cidade possuía aproximadamente 600 mil habitantes[1] e como podemos bem lembrar, os artesãos que se chamavam de hippies se concentravam mais na fabricação e venda de enfeites corporais e bijuterias. Alguns curitibanos mais idosos, que se lembram da feira naquele começo, lembram-se que havia poucos artesãos, e os compradores eram em geral jovens em busca de bijuterias. O ambiente era agradável, e os artesãos às vezes traziam seus filhos, seus instrumentos musicais, e cantavam e dançavam. Como passavam o dia inteiro na feira, traziam sua comida, e

[1] Fonte: http://www.agencia.curitiba.pr.gov.br/publico/conteudo.aspx?codigo=48. Acessado em 17/05/2011)

alguns as repartiam com os compradores. Isto quer dizer que a feirinha que conhecemos hoje já começou como um lugar agradável e amigável, em que existe comércio, mas existe também camaradagem e música.

Com o tempo, a feira cresceu. Hoje a variedade de produtos é muito grande, e se pode dizer que há objetos de todo tipo, tamanhos, cores, assim como novidades criativas, e preços bem diversificados que podem ir de R$ 2,00 a R$ 250,00. De acordo com a página da feira, os artigos vão desde roupas de bebê a móveis, passando por bijuterias variadas e outros artigos. Existe uma secção de quadros pintados a óleo, outra secção de artigos de couro, e outras de objetos para casa. E existem os objetos que a gente compra por causa de como eles são feitos: por exemplo, o "vaso" de flores feito de garrafas de plástico recicladas, cuidadosamente cortadas e pintadas. Ou aqueles brinquedos engenhosos que fazem a alegria de crianças e adultos. Em qualquer domingo na feirinha se vêem muitos turistas (inclusive de outros países) comprando artigos de crochê, bordados, camisetas, e até sapatos. Um dos artigos preferidos é, obviamente, uma das muitas camisetas celebrando a cidade de Curitiba, os times da cidade, e o estado do Paraná. Como nos disse um turista (que não disse seu nome), na feirinha ele pode comprar presentes pra todos da família e pros amigos que não vieram a Curitiba desta vez.

Além dos objetos, há também comidas típicas da região e de etnias que se instalaram no Estado. Depois de caminhar, olhar, conversar, nada melhor que um bom pastel frito na hora, ou uma outra comida própria da estação. E se não há cadeiras ou mesas como um restaurante normal, não tem problema: a gente pode sentar-se nos meios fios e continuar o bate papo com os amigos. Tudo é muito informal.

Se quiser passear na ferinha, é bom chegar cedo e ir com um sapato pra caminhar. Durante e depois da feira, há galerias de arte, exposições, sebos, antiquários, restaurantes e bares para conhecer no Largo da Ordem. O ambiente alegre e descontraído fez da feira um ponto de encontro de pessoas de todos os lugares e de muita conversa.

De acordo com Diego, que vende móbiles e mandalas, que conta que para fazer parte da feirinha precisa fazer artesanato e inscrição na Secretaria Municipal de Turismo. Ou então Gerson Guerra que trabalha na feirinha desde 1997 e que vende carteiras e agendas (AgendArte). Entre os compradores, num domingo de maio, encontramos Sara, que estava comprando roupinhas para a filha de dez meses e que diz que vem à feirinha desde pequena porque é uma delícia caminhar num lindo domingo de sol na feirinha. Já pra outra compradora, a Eliane, a melhor coisa da feirinha é a comida. Ela diz que vem sempre que pode, porque os pastéis da feira são muito gostosos. Encontramos também dois estudantes americanos que estão fazendo intercâmbio em Curitiba, e que vieram à feirinha para almoçar e ver as danças de capoeira. Para eles, uma passagem pela feirinha faz parte do fim de semana. "Aqui as pessoas são muito simpáticas e amigas," disse um deles. "A gente pode conversar com os vendedores sem problemas. Isto ajuda no nosso português!"

Num tempo em que as nossas cidades estão ficando desprovidas de um espaço público em que pessoas de diferentes idades e diferentes origens possam se encontrar, a Feirinha do Largo da Ordem nos mostra que este espaço ainda é possível. Os shoppings centers,

com temperatura controlada e artigos manufaturados, não suprem todas as necessidades dos potenciais compradores. Ainda há lugar na urbe para um espaço como o da feirinha. Mas a administração pública tem que apoiar estas iniciativas e os artesãos, além de oferecer segurança para que as pessoas possam desfrutar deste espaço de lazer, em que se juntam tanto o aspecto comercial como o lúdico e o artístico.

Uma informação recente: em breve toda a feira estará disponível na Internet também. Isto ajudará os artesãos a venderem seus produtos a lugares mais distantes. Mas esperamos que a Feirinha, tal como existe hoje, continue existindo e alegrando os domingos curitibanos.

A Feirinha do Largo da Ordem É "Prata da casa," com certeza!

Fotos: **Alan José Mega**

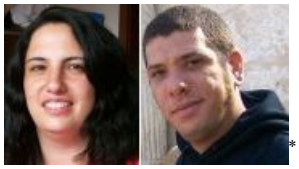
Jovem sanfoneira na Feirinha

O bebedouro no Largo da Ordem

Obras de arte na Feirinha

E' um mar de barraquinhas na feira

Estátua no bebedouro



* **VIRGILIA MARIA SERRA** é de Apucarana (PR) e mora em Curitiba há 20 anos. É voluntária na Pastoral da Criança em Curitiba onde exerce as funções de tradutora e intérprete.
** **ALAN JOSÉ MEGA** é natural de Curitiba, onde vive e trabalha. É comerciário e fotógrafo amador.